

Festa de Santa Cruz em Ouro Preto

para Moacyr Laterza e Adelmo Café, mineiros irredutíveis, notáveis e queridos por isso mesmo

Vindo de longe em carro rápido em busca de outras minas, “o que hão de ser?” perguntaria o passante, aqueles clarões de fogos no meio da noite? E que ruídos no morrer da tarde acendem lembranças de povoados e vontades travessas de olhar de novo o mundo e o corpo das fêmeas do alto de um terraço? Ontem havia festa de Santa Cruz no lugar em Ouro Preto chamado Ponte da Barra. Que rojões sobem, rasgam o véu do céu e silvam no que outras noites é o silêncio? As pessoas do bairro e de longe com trajés de feriado e gestos de sábado, as bandeirolas de quatro cores e um certo ar cúmplice de quem bebeu e quer ser anjo. A música de duas clarinetas e a pele uniforme e mulata da banda roceira sobre quem um uniforme azul de anil dá um tom Berbere ao que é de Bom Jesus dos Matozinhos. Alguns pés de prata calçam sandálias de feira e mais o cheiro no ar de perfume de açucena e o de pólvora e o do mijo: tudo o que é sempre igual a sempre, mas nessa noite em que os anjos e os homens bebem juntos e trocam confidências, as pessoas fazem com um outro diferente coração e entre um sorvete e um soluço semeiam a mágica da festa nas almas do lugar. Quem levará a banda da leitoa e quem o frango? Quem acordará do sonho antes do tempo e berrará: “outra vez! ah, outra vez!” Quem, bêbado tocará com os dedos os seios da moça ou, com as duas mãos, o rosto de Deus? Tudo é nessa noite igual a sempre e mais os fogos no clarão dos montes e isso é a festa e mais a vida. E os velhos que hoje dormem depois das onze e contam casos de servos e senhores, sentados – sentinelas – nos bancos de pedra e limo nas pontas dos dois lados da Pote da Barra. E outra vez os rojões e nunca o trabalho da pólvora foi tão generoso, pois aqui ele clareia a alma das casas velhas e o peito verde dos morros de Minas. Aqui, no lugar chamado Ponte da Barra em Ouro Preto, onde uma oculta festa aos olhos dos vivos fazia dançar, entre tambores e segredos, fantasmas devotos de negros e congos: homens que quando escravos cavavam com o sangue da farpa dos dedos em busca do ouro deste rio. Ah, os dias de sofrer sob a brasa do calor de março à procura de algumas pequenas fagulhas brilhantes da mesma cor amarela e vida do fogo desta noite! Ramalhetes de luz materializada que a terra cria e o rio esconde. E quando achadas – raras flores de outro, rosas de metal e brilho – levantam sobre os rios as pontes, como aqui, e semeiam o pequeno viveiro de tudo que a riqueza fácil faz: pontes e cruzeiros de pedra, casas e igrejas. Tudo o que tem um nome e o ouro ruim batiza: sandálias de moças de velas; os seus segredos, aras e altares; sacrários, sacrilégios; a púrpura do padre e os foguetes bons da noite; o mijo seco no canto ao lado do rio, a cerveja e, à volta da ponte, um imemorial odor de fé e pinga. Monumentos, mestiços e mortalhas; panelas, pelicas e objetos de uma fina pedra. Gestos mais do que solenes acompanhados em coro da palavra **amem** e um suave roçar contrito da mão no peito. Heranças do que o homem faz e a chuva lava. Responsórios de ontem e restos por onde agora viajam sob a ponte suja da praça da festa os dejetos dos vivos e seus sucos. Sobras do trabalho, os seus degredos: restos do viver que o rio acolhe e indiferente à festa leva longe, entre águas sem ouro e sem segredos.

Carlos Rodrigues Brandão*

(extraído de “Anotações de viagem sobre Minas Gerais” [texto inédito])

* Carlos Rodrigues Brandão é antropólogo e poeta, autor de *A Cultura na Rua; As Cavalhadas de Pirenópolis; Memória do Sagrado; Plantar, Colher, Comer; Diário de Campo- A antropologia como alegoria*; entre outros.